

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ISSN 1519-6674
ANO XIX
VOLUME 31
(JUL-DEZ)
2019
P. 1-4.

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:
“ENTRE ÁFRICAS, AMÉRICAS E AMAZÔNIAS:
HISTÓRIAS QUE SE ENTRELAÇAM”

Prof. Dr. Marco Antônio Domingues Teixeiraⁱ
Professor Associado IV do Departamento de História
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Profa. Dra. Giselda Brito Silvaⁱⁱ
Professora Associada IV do Departamento de História
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

A **REVISTA LABIRINTO**, em seu **volume 31 (JUL-DEZ) 2019**, oferece à comunidade das Ciências Humanas brasileira e internacional, e à toda comunidade em geral, um leque de temas, enfoques e abordagens que reforçam os entrelaçamentos necessários entre a história do Amazonas, da África e da América Latina, que deverão promover amplas reflexões acerca de nossas histórias e de problemáticas que requerem novos olhares, ações políticas, culturais, econômicas e sociais. Os temas marcam o início de uma série de intervenções que deverão ser feitas e refeitas com regularidade procurando aproximar estudiosos amazônicos de africanistas em geral, mostrando e esclarecendo as proximidades existentes entre ambas as regiões intertropicais marcadas pela presença de consideráveis bacias hidrográficas, densas florestas equatoriais e subequatoriais, incrível diversidade étnica que, por um lado contribuiu decisivamente para o reordenamento censitário e cultural das populações amazônicas, os constantes crimes, Etnocídios e genocídios à que vêm sendo expostas regularmente e à dissipação de suas riquezas pelo mesmos agentes colonialistas de sempre. Contribuem para estas reflexões os trabalhos abaixo elencados:

O texto “*Quatro Cabeças de uma Hidra Urbana e um Bumerangue Africano na Cultura Hip Hop de Manaus*”, trata do universo hip hop na cidade de Manaus. No texto, **Sidney Barata de Aguiar**, por meio da Antropologia Urbana e da História Social, oferece grande contribuição à história e cultura na Amazônia, possibilitando a circulação de conhecimento dos problemas sociais na cidade de Manaus.

Giselda Brito Silva, procurando inserir um dos temas-problemas da África colonizada pelo império português, contribui com a educação tratando do “*Colonialismo português em África e a disputa entre católicos e protestantes (1940-1970)*”. Pelo trabalho a autora trata do longo século XX colonial, do Estado Salazarista e suas relações com as colônias africanas, enfocando a atuação conflituosa dos missionários católicos e

protestantes em seus lugares na educação dos “indígenas” para consolidação do colonialismo português.

O tema “*‘Amazônia em armas’: luta e resistência contra a ditadura militar no Amazonas*”, **César Augusto Bubolz Queirós**, também colaborando para reflexões das práticas políticas do Brasil no tempo presente, trata dos impactos da Ditadura Militar na Amazônia, questionando falsas imagens de que a região Norte teria sofrido pouco impacto do regime na década de 1960. De acordo com seu trabalho, no estado do Amazonas ocorreram repressões, perseguições e muita resistência, que podem ser conhecidas pela farta documentação produzida por inquérito policial e pela imprensa local da época, que ele procura dar visibilidade no seu trabalho.

Rafael Pinheiro de Araújo contribui com a edição com o tema “*A esquerda Latino-Americana e a Revolução Cubana: aproximações e distanciamentos entre a década de 1960 e o século XXI*”. No texto ele aborda as estratégias discursivas criadas por Hugo Chávez para mobilizar uma autoimagem, contribuindo para um alinhamento político com a ilha caribenha e a promoção da cooperação latino-americana, particularmente entre a Venezuela e Cuba.

Com o tema “*A Lenta agonia da Amazônia brasileira: abandono político, subdesenvolvimento econômico, destruição ambiental e etnocídio cultural*”, **Leno Francisco Danner**, juntamente com **Fernando Danner** e **Julie Dorrico**, tratam da condição socioeconômica da Amazônia e a ausência de uma política para promoção do desenvolvimento industrial tecnológica-científica e sustentável que promova a inclusão social, o combate à destruição ambiental e o etnocídio cultural.

Ivaldo Marciano França Lima, com o tema das “*Representações da África no âmbito do ensino de História: algumas questões de Análise dos conteúdos*”, contribui para o dossiê abordando questões do continente africano e suas representações no Brasil. Pelo trabalho, ele chama a atenção para a necessidade de se estabelecer outras representações do continente que tem tanto impacto em nossa formação social e cultural, procurando-se dar mais atenção às dinâmicas das práticas e costumes da África para o Brasil e suas formas de representação.

Alfa Oumar Diallo, da UFGD, escreve: “*União Africana: Boa Governança e Desenvolvimento*”. No mundo de hoje, a governança está aumentando seu papel central na maioria dos foros internacionais. O princípio básico e mais importante da boa governança é que as instituições políticas de uma nação sejam democráticas. Cabe à União Africana e aos seus Estados membros, em todo projeto de desenvolvimento, se interessar aos serviços sociais. O desenvolvimento não pode florescer onde o povo não pode fazer-se ouvir, os direitos humanos não são respeitados, a informação não flui e a sociedade civil e o Judiciário são fracos. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Banco Mundial, entre outros, concluíram que a assistência ao desenvolvimento que se concentra apenas na governança econômica, em detrimento da governança democrática, fracassa.

Daciléia Lima Ferreira, Conceição de Maria Belfort de Carvalho e Josenildo Campos Brussio, todos da UFMA, escrevem sobre o Sagrado e o Profano no Tambor de Crioula do Maranhão. Seu artigo tem como título: “*Da África ao Brasil: O Sagrado e o Profano no Imaginário do Tambor de Crioula no*

Maranhão”. O texto aborda algumas representações do sagrado e do profano nas performances do tambor de crioula no Maranhão, destacando os elementos de matriz africana presentes na tradição cultural. Faremos uma breve caracterização desta expressão de matriz africana, demonstrando seus valores simbólicos e representacionais de acordo com elementos característicos de sua práxis gestual: coreográficos, poéticos, musicais, religiosos e sociais.

O professor **Hélder Rodrigues Maiunga**, do ISCED, em Huíla, é o autor de “*Os Jogos Tradicionais da Huíla: Património Cultural na Voz de Crianças e Adultos*”. Seu trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre os jogos tradicionais da Huíla - patrimônio cultural na voz de crianças e adultos. A pesquisa e de natureza qualitativa, a entrevista semiestruturada foi a metodologia utilizada na recolha de dados no terreno, aplicados a Professores, Reformados e alunos, da Província da Huíla (Angola) com questões sobre os jogos tradicionais.

Jorge Fernandes da Silva é da UFAC e escreve sobre mestiçagem das populações amazônicas e questões raciais. Seu artigo “*A Mestiçagem na Região Amazônica Versus Estatuto da Igualdade Racial*” analisa o processo de mestiçagem na região amazônica em relação aos princípios legais estabelecidos pelo Estatuto da Igualdade Racial. O autor buscou trabalhar a questão da mestiçagem desde o período colonial, com ênfase entre a questão dos casamentos a amancebamentos entre portugueses e indígenas. Investigou, ainda, também o processo de inserção do negro no caldeamento das mestiçagens branca e indígena na região amazônica. A partir da primeira República, a intenção foi identificar os direitos legais das populações indígenas e negras, perpassando pelo século XX e adentrando o século XXI buscando compreender os princípios legais estabelecidos pelo Estatuto da Igualdade Racial.

Flávia de Oliveira Fernandes e **Tatiana de Lima Pedrosa Santos**, ambas da UEA, Manaus/AM, escrevem o Artigo: “*Os Pretos-Velhos do Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza*”. O preto-velho e a preta-velha, como os próprios nomes já os identificam, fazem referência aos anciãos negros do passado, escravos e ex-escravos, visualmente as peças produzem um efeito ao referenciar através da sua forma, uma atmosfera da escravidão, conjugando características variadas entre o religioso, o social e o cultural. Quando se trata de cultura material é comum fazermos referências e associações subtraídas de escalas, datações e tipos de classificações de trabalhos de campo. Os objetos de estudo aqui presentes fazem parte de uma coleção que para além de se manusear objetos tangenciaremos questões como: pessoas, memórias e identidades.

Por fim, o trabalho de **Marco Antônio Domingues Teixeira** realiza um estudo preliminar sobre os Wajuru de Porto Rolim do Guaporé, uma área recentemente declarada área de Populações tradicionais pelo MPF-Ji Paraná, mas que se encontra sob forte tensão social e disputa territorial, agravando, as já precárias relações entre os colonizadores agrários que ali se estabeleceram nos anos 1980 e as comunidades tradicionais ali residentes há séculos. Denominado “*As famílias Wajuru negras de Porto Rolim de Moura do Guaporé*”, o artigo apresenta um inédito conjunto de fotos da comunidade Wajuru, governados pela cacica

Walda Ibañez Braga, ou Walda Wajuru, uma importante liderança do movimento indígena amazônico, desvinculada de tradicionais Organizações de Apoio aos Indígenas. O trabalho demonstra a fragmentação territorial vivida pelos Wajuru, seus casamentos interétnicos e a atual invasão de grileiros e posseiros que avançam sobre seu território e põem em risco a sobrevivência de três etnia indígenas: Wajuru, Guarassuê e Sakurabiat, além da comunidade de remanescentes de quilombos ali existente.

À primeira vista parecem ser temas distantes, mas a leitura cuidadosa de textos e outros documentos, mostram as proximidades e os riscos vividos por essas populações e as regiões onde se encontram. Mas a Interdisciplinaridade e Interinstitucionalidade trazem à tona um conjunto de ideias e acervos intelectuais capazes de fazer profissionais de diversas áreas interagirem com os mais diversos tipos de leitores. Amazônia e África, dois universos carregados de simbolismos que ora os aproximam e ora os separam. Os mitos de povos primitivos, selvagens e de florestas virgens, tropicais e mortíferas vêm perdendo lugar para a realidade da exploração descontrolada e exaustiva, que promovem a guerra, a destruição ambiental e humana.

Assim se expressou o Papa Francisco em relação a estas regiões: “*Já a consciência do perigo ecológico que existe nisso, obviamente não só na Amazônia, mas noutros lugares: o Congo é outro ponto, outros setores, na minha terra natal está no Chaco, a zona do “impenetrável” também que é pequena, mas, nós também sabemos disso, de alguma forma. A par da dimensão ecológica está a dimensão social de que falamos, que já não é apenas aquilo que é explorado de forma selvagem, aquilo que é criado, a criação, mas as pessoas. E na Amazônia aparecem todos os tipos de injustiças, destruição de pessoas, exploração de pessoas em todos os níveis e destruição da identidade cultural.*” (Documento Pós Sinodal, 26/11/19). Escrever, olhar para o passado percebendo o presente e vislumbrando o futuro tem dia, sina do historiador e de muitos pesquisadores sociais. Tentar alertar sobre desastres e jamais deixar com que as tragédias que desconstruíram nações e lugares, sejam esquecidas é o ofício do historiador. A memória tem sido usada infalivelmente, muitas vezes para aperfeiçoar sistemas opressivos, dando-lhes algum verniz civilizatórios. Mas cabe aos que estudam arranhar esta superfície e mostrar que é, sempre, rasa a distância que nos separa da barbárie, quando o poder e a economia se sobrepõem à solidariedade e à alteridade.

Agradecemos o convite e a editoração realizada pela Professora Doutora Veronica Aparecida Silveira Aguiar da Universidade Federal de Rondônia na organização deste volume. Também agradecemos os pareceristas que contribuíram com esta edição. Desejamos boa leitura!

NOTAS

ⁱ Docente do Departamento e da Pós-graduação em História da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Pará (1982), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1997) e doutorado em Ciências Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (2004).

ⁱⁱ Docente do Departamento e da Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Graduada em Licenciatura em História pela UNICAP (1990), Mestre em História pela UFPE (1996), Doutora em História pela UFPE (2002) e Pós-Doutora pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL, 2011).